

A TAREFA DE ARRUMAR O ARMÁRIO: ENCICLOPÉDIAS DE CIÊNCIA, COLAGENS E RECRIAÇÃO A PARTIR DE UM PASSADO EMPOEIRADO

Clarissa Reche Nunes da Costa¹

No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. (...) O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como “outro” – o escuro, o feminino. Não começamos a escrever para reconciliar este outro dentro de nós? (Anzaldúa, 2000, p. 232).

O primeiro exemplar me foi dado por uma amiga: “Toma, encontrei no lixo do condomínio, você vai gostar.” Compartilhar com outras nossas obsessões é um dos melhores campos para semear boas surpresas. E claro, eu gostei muito! Os demais exemplares vieram de outros lixos espalhados pela cidade. Parece que esse é o destino para essa coisa agora inútil, as enciclopédias de ciências. Pouco a pouco esses resquícios de poder e riqueza viraram pilhas na minha humilde estante de ferro, até que enfim resolvi devorá-los. Mastiguei volume por volume.

¹ Doutoranda em Ciências Sociais (Universidade Estadual de Campinas). <http://lattes.cnpq.br/9415396641036197>. <https://orcid.org/0000-0002-5778-1122>. clari.reche@gmail.com. Endereço para correspondência: Rua Engenheiro Fox, 595, Lapa de baixo, São Paulo, SP, Brasil. CEP: 05069-020. Telefone: Não informado.



Dilacerei uma centena de páginas, sentindo na boca o gosto empoeirado de *Veuve Clicquot* bebericada em alguma biblioteca cenográfica da casa de uma família de banqueiros, onde um dia estes livros integraram a decoração. Destruí todos eles e assim criei as colagens que compõem esse ensaio.

As imagens apresentadas a seguir são montagens de figuras e palavras retiradas de volumes sortidos de duas enciclopédias de ciências, ambas editadas durante a década de 1970 e de circulação nacional². Durante o complexo processo criativo a partir do qual emergiram as colagens, os volumes tornaram-se material de trabalho. Os livros se transmutaram em minhas mãos, ficando cada vez parecidos com lápis, tinta ou pincel. Não realizei nenhum tipo de interferência nas imagens ou nas frases utilizadas, procurei apenas reorganizar estes “blocos” que havia previamente isolado do contexto inicial em que repousavam. Ou seja, transporte frases inteiras como elas estavam escritas (a maioria das frases são subtítulos de capítulos) e avizinhei-as com outras frases e imagens. Fiz isso porque essas palavras, fotografias e ilustrações me pediram um novo lugar. Um novo dizer, desmontado e remontado. Uma nova organização desse conhecimento. Assim, quem sabe, imaginei que eu mesma pudesse bagunçar e reorganizar meu próprio lugar nessa volumosa História da Ciência, já que folheava e folheava e só encontrava O Homem.

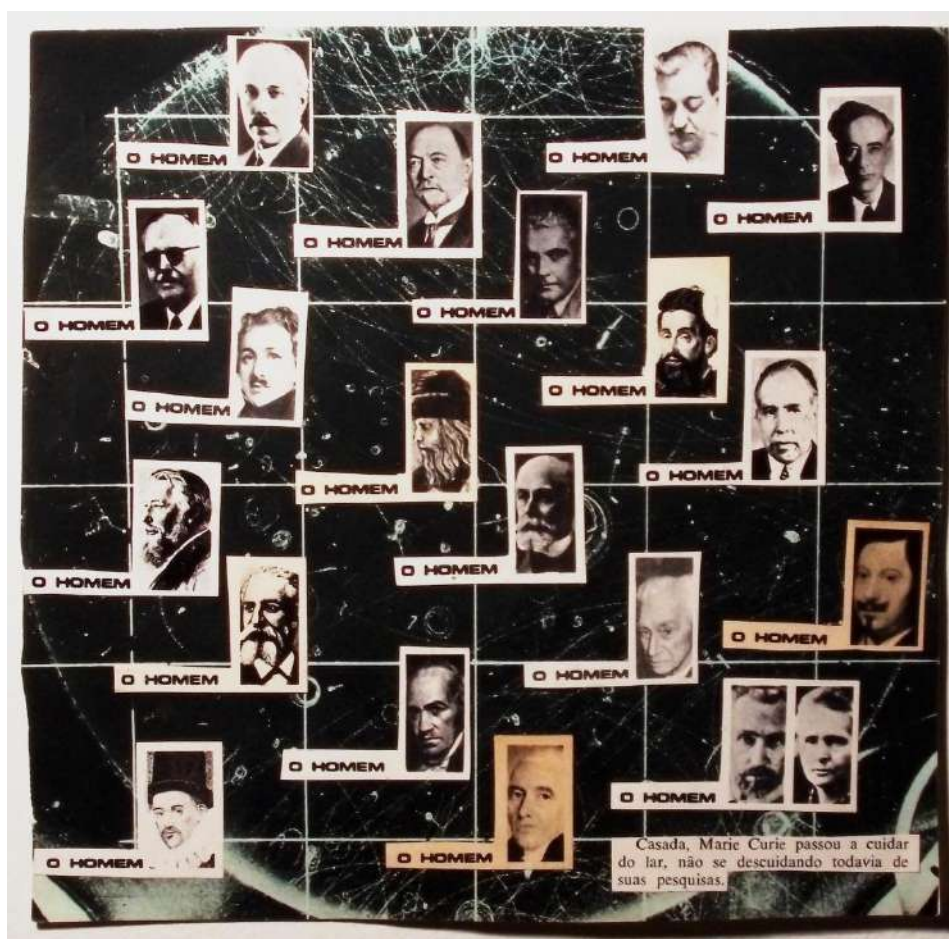
Com a tesoura em punho, me escapavam sorrisinhos irônicos dos cantos dos lábios. “O Homem” era o nome da seção dedicada às impecáveis e invejáveis trajetórias biográficas dos responsáveis pelas maravilhas científicas descritas na enciclopédia. Ali estava eu, face a face com o truque de deus, aquele sobre quem há tempos me alertava Donna Haraway. Sentia que eram dela também os sorrisos incontroláveis. O Homem, esse deus único, esse corpo não marcado, a

² Estes volumes compõem minha coleção pessoal, que conta com mais de 40 exemplares. A mistura desavergonhada que fiz durante a composição das colagens torna impossível retrair a origem de cada pedaço que usei, já que em uma mesma colagem coexistem partes vindas de enciclopédias diferentes. O caminho de volta está embaralhado, restando apenas um amontoado de livros picotados. Utilizei principalmente volumes das seguintes enciclopédias: Ciência Ilustrada (1969) e Medicina e Saúde (1970), ambas da editora Abril Cultura.

objetividade fantasmagórica e truqueira que afirma ver tudo de lugar nenhum, que produz, apropria e ordena a diferença. E, apesar de todo o esforço feito na edição dessas enciclopédias para que tudo estivesse na ordem em que deveriam estar, ainda assim não souberam muito bem o que fazer com Marie Curie. Só mesmo a partir do ponto de vista do senhor e seu Olho que paira acima de qualquer corpo, que “fode o mundo para criar tecno-monstros” (Haraway, 1995, p. 19), é que podemos chamar de objetividade a ordenação de mundo que promove violentas reduções e hierarquizações da realidade.

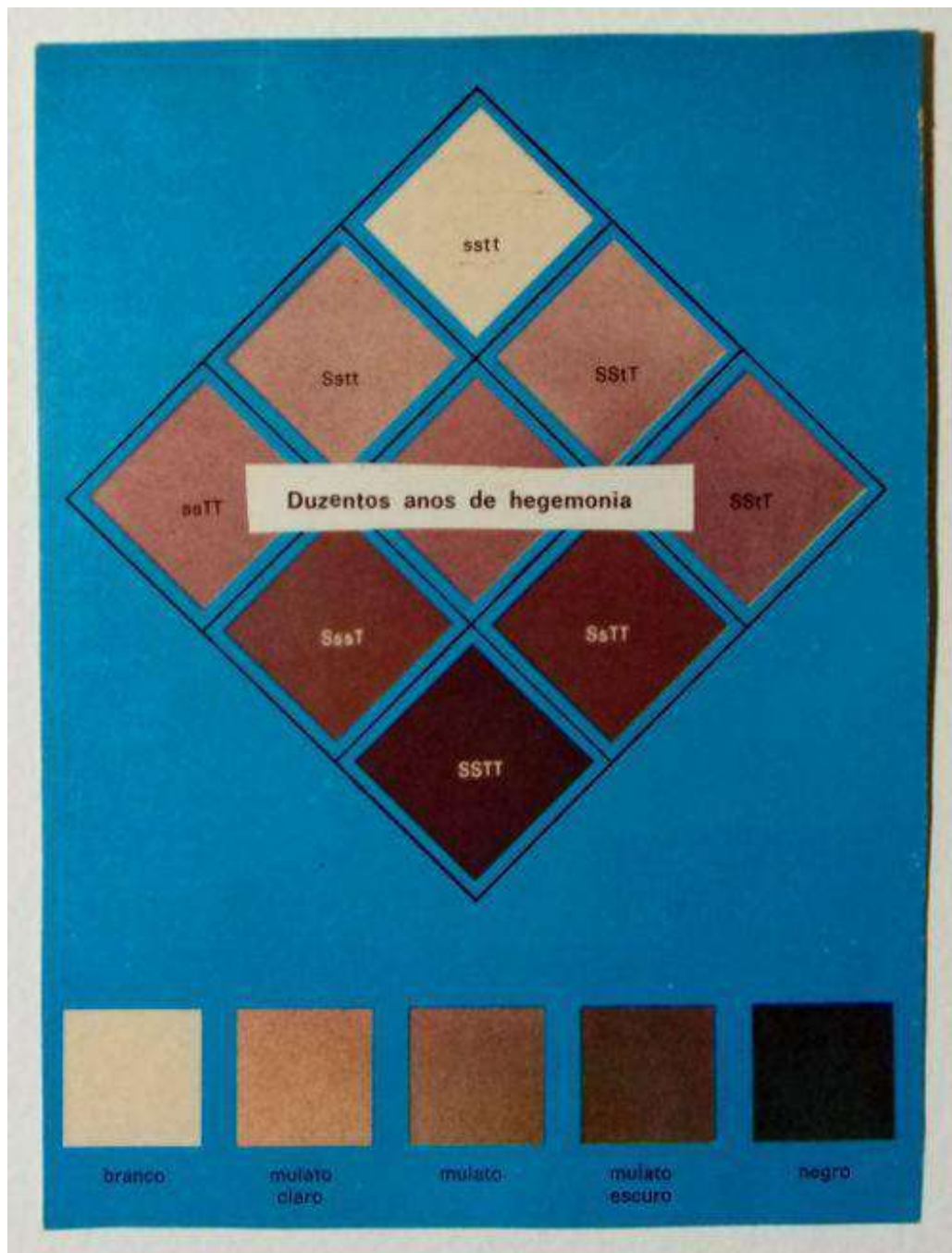
Figura 1

Sem título



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 2
Sem título



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 3

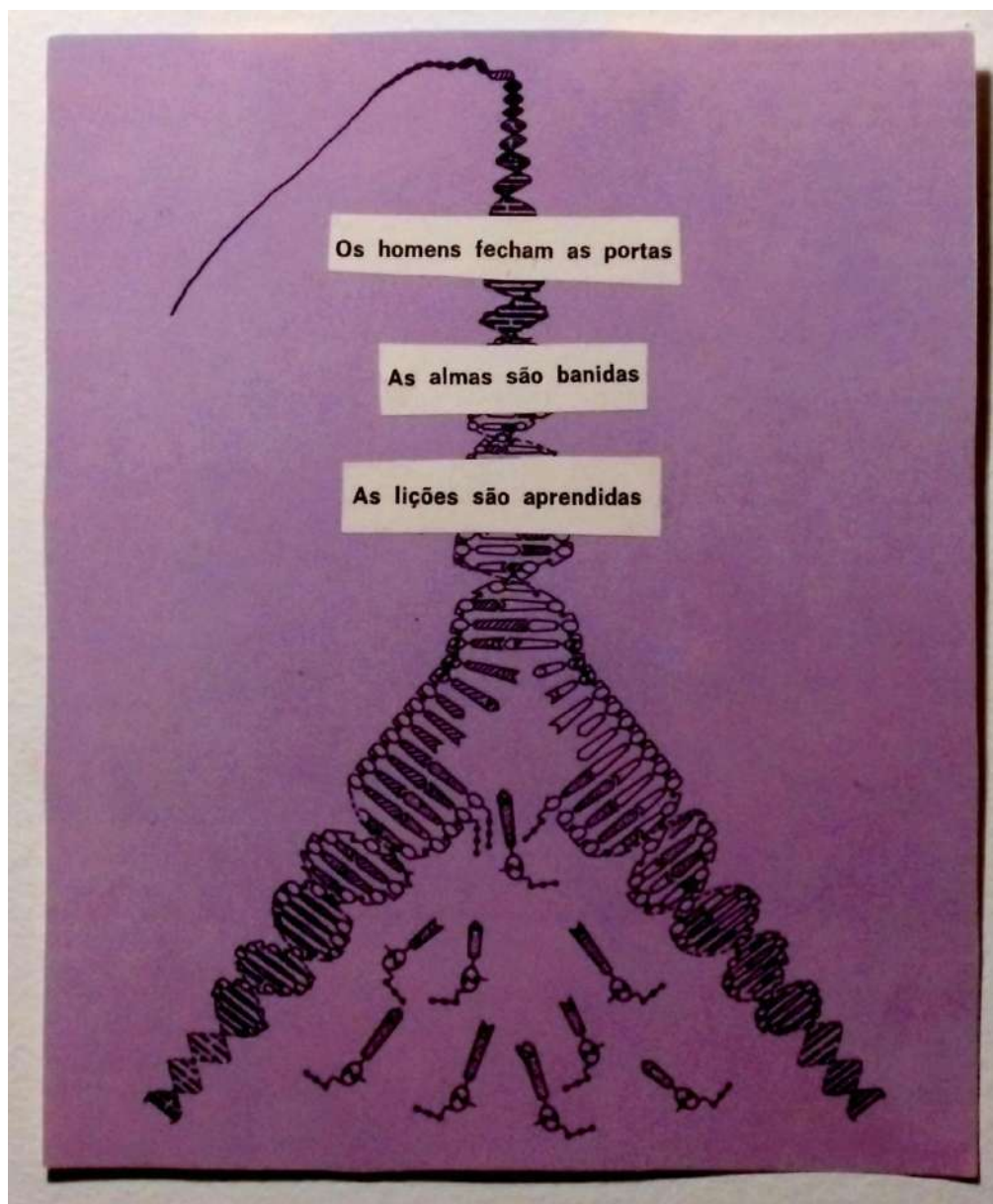
Sem título



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 4

Sem título



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 5

Sem título



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 6

Sem título



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 7

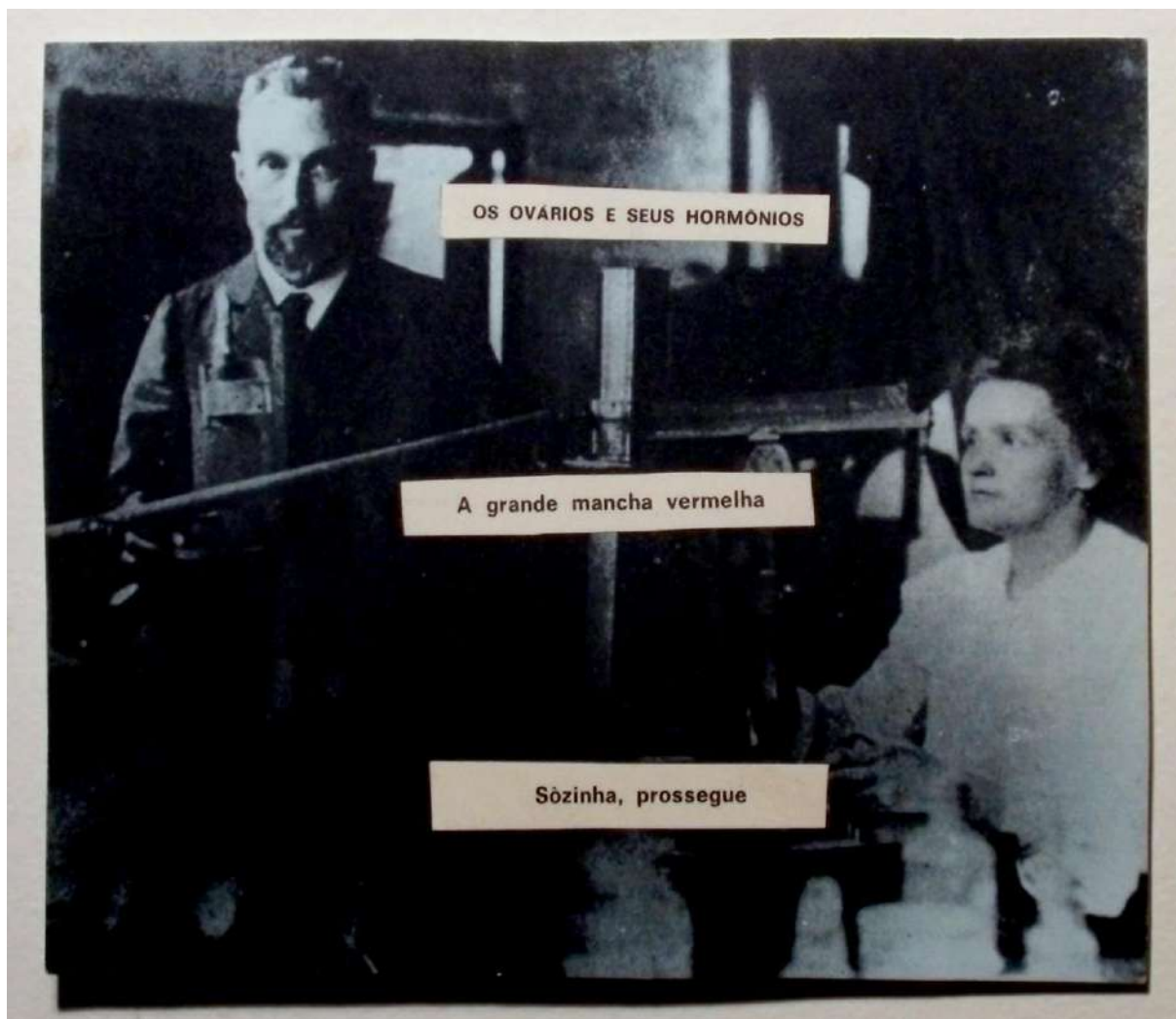
Sem título



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 8

Sem título



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Como prosseguir, apesar de tudo? Como insistir e permanecer em lugares que reconhecemos como perigosos para nós? Essas perguntas perpassam o trabalho de muitas mulheres filósofas que entrelaçam ciência e feminismo. Isabelle Stengers apresenta essas questões em termos de herança – essa instituição tão familiar. Como ser responsável em face de uma dupla herança? Ao mesmo tempo em que herdamos o legado científico – e a racionalidade universalizante dos corpos não marcados – também herdamos a crítica feminista, que muitas vezes

defendeu o rompimento total das mulheres com a universidade, como no caso de Virginia Woolf. Isabelle e Vinciane Despret, também filósofa, propõem que sejamos filhas infiéis, que estejamos abertas a “pensar com”, a recriar, e não somente a aceitar passivamente essa herança que carregamos conosco (Stengers *et al.*, 2016; Stengers & Despret, 2015). E que, uma vez estando nestes lugares, que sejamos coletivamente capazes de “criar caso”, “fazer barulho”, de construir uma nova relação com o pensamento para que assim consigamos – todas nós, pessoas de corpos marcados – habitar lugares devastados.

O que essas filósofas propõem enquanto método de produção de conhecimento e de ação política se assemelha muito com a colagem enquanto operação. A definição de colagem de Marx Ernst, surrealista responsável pela difusão da técnica, lembra o conflito descrito acima:

a técnica da colagem é a exploração sistemática do encontro casual ou artificialmente provocado de duas ou mais realidades estranhas entre si sobre um plano aparentemente inadequado, e um cintilar de poesia que resulta da aproximação dessas realidades (Ernst, 1974 *apud* Passeti, 2007, p. 18).

Se a história da ciência é a história do desenvolvimento de instrumentos de visualização (Haraway, 1995), pensar a imagem como ponto de contato entre ciência e arte pode ser produtivo. Como na colagem, a entrada de corpos marcados na universidade provoca o encontro de realidades estranhas entre si em um mesmo plano. E, como na colagem, esse encontro é sempre tenso, pois revive o que estava parado e, mais do que dar visibilidade a elementos diversos, gesta novas relações possíveis entre os elementos que estão ocupando um mesmo espaço (Passeti, 2007, p. 22). Desses encontros, novas imagens surgirão.

Na análise crítica da arte existem pistas para pensar epistemologias que deem conta da imagem enquanto movimento. Didi-Huberman (2015, p. 242) aponta

para “o caráter irrealizado, inacabado, multifocal, ainda estilhaçado – à maneira de uma montagem fragmentada – do saber empreendido” que a imagem produz. Ao lado de Walter Benjamin, o autor defende um “conhecimento pela montagem”, ou seja, que sejamos capazes de desmontar a realidade, juntar esses fragmentos em novas imagens e, com isso, abrir caminhos para uma “epistemologia do anacronismo”, permitindo, assim, a “remontagem do tempo ao contrário da ordem dos acontecimentos” (Didi-Huberman, 2015, p. 36).

Para isso, imaginar é essencial. Didi-Huberman chama a imaginação de “montadora por excelência”, pois essa faculdade é capaz de desmontar a continuidade das coisas para fazer surgir relações íntimas, correspondências e analogias (Didi-Huberman, 2015, p. 135). Imaginar impede que nós nos esgotemos e que renunciemos frente ao impossível. Didi-Huberman lembra que, para Carl Einstein, a primeira tarefa atribuída ao historiador da arte é a de “estar preso ao impossível e fazer desse elo uma exigência de pensamento, até mesmo de método” (Didi-Huberman, 2015, p. 242). Se alargarmos essa tarefa às cientistas, antropólogas e filósofas da ciência, podemos vislumbrar, pelo menos por enquanto, um caminho possível para prosseguirmos, apesar de tudo. E, ao nosso lado, estarão a imaginação, os fragmentos e o impossível.

A desmontagem, primeira operação da remontagem, começa nas metamorfoses que acontecem no folhear, no conhecimento produzido a partir do salto de página em página. A casa estava cheia, mas o chão da sala era meu. Em um processo meditativo, mergulhei nas páginas coloridas por horas, sentada de pernas cruzadas. Separei o que me parecia pertinente. O critério para essa escolha era bem variado: beleza gráfica, espanto, deboche, paixão. Conforme ia dissecando os exemplares do que um dia foram enciclopédias, ao meu lado surgiam montinhos de recortes que vez ou outra eram perturbados por um de nossos gatos, curiosos e aflitos com a prolongada falta de brincadeiras. Mergulhada no meu mundo de papel, minha mente era visitada por mulheres com

as quais estive pensando junto: amigas queridas que compartilham comigo o viver, mas também aquelas que conheço só pela escrita que deixaram no mundo.

Costurar ideias, polir um texto. Tamara Kamenszain (2000) nos lembra de metáforas que associam o ofício de pesquisa e escrita aos afazeres domésticos. São nesses labirintos de palavras-imagens que um segredo permanece: se é na arena pública que O Homem ocupa seu lugar de produtor do conhecimento, é em casa que esse trabalho é realizado. Que lugar tão ambíguo para se estar, as mulheres que são ao mesmo tempo tão próximas aos fazeres das grafias e tão sistematicamente afastadas deles. Percebo agora que, na feitura destas colagens, segui os processos de minha mãe: se o armário está bagunçado demais, a única solução é pôr tudo abaixo. Tirar tudo, limpar, organizar novamente. Desmontar, remontar. E fazer tudo isso sem a mínima esperança de que as coisas permaneçam como deixamos. Não, elas respondem aos movimentos da própria vida. Arrumar buscando arranjos mais estáveis. Arrumar sabendo que logo será preciso arrumar de novo.

Uma hora meu corpo chamou e tive que levantar para beber água. Levei um susto. Em torno de mim mesma havia criado um círculo composto de recortes, restos e tesouras. Um círculo perfeito de diâmetro tão milimetricamente exato que nesse mundo inteiro era eu a única coisa que cabia lá dentro – eu e as outras com quem estive pensando junto. Uma roda de proteção, como aquelas que as bruxas constroem durante seus trabalhos. Para Isabelle Stengers, a ideia de mulheres bruxas está presente nos momentos em que o feminismo foi inventivo, pois as bruxas “são aquelas que sabem que é preciso se proteger da interferência para serem capazes de sair, de produzir uma diferença” (STENGERS e DESPRET, 2015). Compartilho aqui cheia de alegria – aumentada em minha potência de agir e pensar – a pequena receita mágica que usei neste trabalho:

- Um material do passado;
- Uma navalha afiada;

- Um espaço de meditação íntimo e inviolável;
- Algo – qualquer coisa – que permita a remontagem dos fragmentos estilhaçados em uma nova esperança.

REFERÊNCIAS

Anzaldúa, Glória (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. *Estudos Feministas*, 8(1), 229-236.

Didi-Huberman, Georges (2015). *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: UFMG.

Ernst, Max (1974). Maximiliana, l'exercice illégal de l'astronomie. München: Bruckmann *apud* Passeti, Dorothea V. (2007). Colagem: arte e antropologia. *ponto-e-vírgula*, 1, 11-24.

Haraway, Donna (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-41.

Kamenszain, Tamara (2000). *Bordado y costura del texto. Historias de amor (y otros ensayos sobre poesía)*. Buenos Aires: Paidós.

Passeti, Dorothea V. (2007). Colagem: arte e antropologia. *ponto-e-vírgula*, 1, 11-24.

Stengers, Isabelle, Despret, Vinciane (2015). Entrevista com Isabelle Stengers e Vinciane Despret. [Entrevista concedida a] Oiara Bonilla e Tatiana Roque. Revista DR (1). Recuperado em outubro de 2020. Disponível em: <http://revistadr.com.br/posts/entrevista-com-isabelle-stengers-e-vinciane-despret-2/>.

Stengers, Isabelle, Dias, Jamille P. Dias, Borba, Maria, Vanzolini, Marina, Sztutman, Renato, Schavelzon, Salvador (2016). Uma ciência triste é aquela em que não se dança. Conversações com Isabelle Stengers. *Revista de Antropologia*, 59(2), 155-186.

A TAREFA DE ARRUMAR O ARMÁRIO: ENCICLOPÉDIAS DE CIÊNCIA, COLAGENS E RECRIAÇÃO A PARTIR DE UM PASSADO EMPOEIRADO

Resumo

Apresento um ensaio composto por oito colagens, confeccionadas a partir de recortes e sobreposições de imagens e palavras retiradas de volumes sortidos de duas enciclopédias de ciências, ambas editadas durante a década de 1970 e de circulação nacional. Não realizei nenhum tipo de interferência nas imagens ou nas frases utilizadas, procurei apenas reorganizar estes “blocos” que havia previamente isolado do contexto inicial onde repousavam. Esse exercício de reorganização dialoga com propostas discutidas por filósofas que trabalham no entrelaçamento entre feminismo e ciência e que apontam para a habilidade da recriação como ferramenta teórica e prática capaz de fomentar alternativas para novas formas possíveis de produção de conhecimento.

Palavras-chave

Colagem. Enciclopédia. Ciência. Feminismo. Conhecimento

LA TAREA DE ORDENAR EL ARMARIO: ENCICLOPEDIAS DE CIENCIA, COLLAGES Y RECREACIÓN DE UN PASADO POLVORIENTO

Resumen

Les presento un ensayo compuesto por ocho collages, hechos a partir de recortes y superposiciones de imágenes y palabras extraídas de volúmenes variados de dos enciclopedias científicas, ambas editadas durante la década de 1970 y difundidas en Brasil. No realicé ningún tipo de interferencia en las imágenes o frases empleadas, solo intenté reorganizar estos “bloques” que previamente había aislado del contexto inicial donde descansaban. Este ejercicio de reorganización dialoga con propuestas discutidas por filósofas que trabajan en el entrelazamiento entre feminismo y ciencia y que apuntan a la capacidad de la recreación como herramienta teórica y práctica capaz de promover alternativas para nuevas formas posibles de producción de conocimiento.

Palabras clave

Collage. Enciclopedia. Ciencia. Feminismo. Conocimiento

THE TASK OF TIDYING UP THE CLOSET: COLLAGES, SCIENCE ENCYCLOPEDIAS AND RECREATING OUT OF A DUSTY PAST

Abstract

I present an essay composed of eight collages, made from clippings and overlays of images and words taken from assorted volumes of two science encyclopedias, both edited during the 1970s within a brazilian distribution. I did not interfered in the images or phrases used, I only tried to reorganize these “blocks” that were previously isolated from the initial context where they rested. This reorganization exercise dialogues with proposals discussed by female philosophers who work with the junction between feminism and science and which point to the ability of recreation as a theoretical and practical tool, capable of promoting alternatives for new possible ways of knowledge production.

Keywords

Collage. Encyclopedia. Science. Feminism. Knowledge.

CONTRIBUIÇÃO

Clarissa Reche Nunes da Costa

A autora declara ser a única responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

A autora declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A autora declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa que viabilizou a realização do estudo a partir do qual os dados da contribuição foram obtidos.

COMO CITAR

Costa, Clarissa R. N. (2022). A tarefa de arrumar o armário: enciclopédias de ciência, colagens e recriação a partir de um passado empoeirado. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(24), 141-159.